

De quem não se chama Perpétua

Memórias podem ser somente invenções, já nos disse o poeta Manoel de Barros. A vivacidade das lembranças é talvez uma perenidade que nos é possível.

Foi pela internet, esta forma de comunicação eficiente e insólita, que recebi a notícia de falecimento de Paulo Roberto Saubermann, um psicanalista ativo durante minha formação na SBPRJ. E, embora não tenha tido muito contato com ele, surpreendi-me com minha reação à notícia de sua morte e achei que lhe devia estas linhas.

Saubermann foi um dos avaliadores da primeira série de entrevistas quando me inscrevi para a formação psicanalítica, há vinte anos. Lembro-me de ter ido ao seu consultório na Rua Visconde do Pirajá, no início da noite, com as lojas fechando suas portas, o calor do Rio mais ameno com Ipanema tão escura quanto foi ensolarada. De todas as entrevistas daquela primeira fase, aquela foi a mais marcante e a que eu tenha me sentido melhor recebida.

Em algum momento ele me perguntou qual teria sido a contribuição da análise pessoal para minha visão de mundo. E eu respondi com um pensamento inédito até então, algo que estou ainda hoje estou compreendendo. Eu lhe disse que eu não me espantava mais com as pessoas, já que eu poderia ter características que qualquer um possuía. Talvez eu lhe falasse da perda da ingenuidade, um mal que podemos padecer pela negação de nosso próprio funcionamento mental. E que a análise não só nos colocava em nosso lugar, mas nos incluía na humanidade.

Uma conversa em que idéias novas surgem requer, como condição, um estado de liberdade, de receptividade afetiva, de isenção superegóica. E esta breve experiência naquela entrevista de uma pré-candidata era uma vivência de um bom contato psicanalítico, ao qual sou grata a Saubermann.

Outras lembranças me ocorreram relacionadas a ele, desta vez por contato indireto. Já no instituto da SBPRJ, uma colega era sua analisanda. E nas impagáveis conversas dos intervalos – que computo como parte integrante de minha formação psicanalítica – nós, alunos, trocávamos “figurinhas” que colecionei na memória. Curiosos com as diferenças de abordagem, falávamos de professores e de analistas, procurando, na mistura do café, a mescla de verdade que nos compunha. Reconhecia, no que a colega contava, o analista receptivo que me entrevistou, não afeito a posturas rígidas, capaz de preservar o vértice psicanalítico na espontaneidade.

Uma ocasião tal colega nos contou de uma interpretação instigante que teria recebido. Ela se lamentava com ele da sensação de ter perdido o compasso, de não mais funcionar como antes, algo assim como ter perdido forças. Ele a surpreendeu com a hipótese de que sim, lamentava uma perda. Mas fazia era o luto pelo seu sintoma. Despedia-se dele. Não é fácil deixar sintomas, assim como perdas ou conquistas. Saubermann ajudava a minha colega a se desprender da nostalgia do conservadorismo. A interpretação valeu para mim e a ele também lhe devo isto.

Saber da morte de alguém que conhecemos nos informa mais da vida e de sua finitude, sua efemeridade. Porque nos recorda também da influência que tal pessoa exerceu sobre nós, dos contatos que contribuíram para nos tornarmos seres em mutação, em direção à morte. Fora da proteção eterna, da ilusão narcísica da eternidade.

Naqueles últimos dias de Junho conheci uma senhora que deu à filha o nome Perpétua: a flor que não cheira, a alma imortal. Nós não somos perpétuos.

Adriana Rotelli Resende Rapeli